



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Cobreiro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Talhava - Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Parlamentarismo e Sindicalismo

Agora, que o Parlamento está auchar o que os ilustres pais da pátria so despicem a debandar para sítios onde a temperatura e mósas os incomodam menos, regunta a gente aos seus botões que de útil fizeram para a comunidade tão egregias criaturas durante o tempo em que se manteve a barraca de S. Bento. Os próprios apregoam a quem quer ouvir que se não faz nada útil nesta sessão legislativa; é, claro, cada partido sacode água do seu capote e atribui as causas de tal improdutividade aos adversários políticos, que impedem que alguma coisa se faça em seu espírito chicaneiro e estracionista.

Nós, que olhamos de fora os acontecimentos e que, não tendo raça assente em qualquer partido político, podemos apreciá-los com absoluta imparcialidade, asseveramos que, desta vez, todos temem. O espírito de chicana não na verdade apanágio deste ou aquele partido. Vai a gente por fora até S. Bento e volta de lá isolado.

Nunca na verdade se viu tamanha incompetência colectiva aliada a tal espírito de desorientação, um tam grande desconhecimento das responsabilidades.

Verdeja seja que o parlamento mea foi uma coisa muito diferente daquilo que ali está. Mesmo fora, em países onde a seleção faz mais conscientemente e não se não faz deputado o primeiro revolucionário civil encarregado que os acausos dum revolução triunfante fizeram subir à tona a água... política, mesmo lá, dizímos nós, toda a gente

Vem o projecto à câmara alta e não houve cão nem gato que sobre o assunto não largasse duas larachas. Resultado: o mostrengão aprovado quase como tinha vinho da câmara dos deputados, apesar dos protestos repetidos de todas as corporações que no país tinham competência técnica para sobre o caso se pronunciarem!

Um exemplo este, entre mil.

De modo que o parlamento é uma instituição incapaz de satisfazer, não digo já às exigências da sociedade de amanhã, mas mesmo às necessidades da sociedade de hoje.

Reconhece-o atô a burguesia e confessam-no sobretudo as classes médias e os homens das chamadas profissões liberais.

O parlamento não serve. Foi uma instituição que apareceu num dado momento histórico para desempenhar determinada missão. Mas, como todas as instituições humanas, tem um ciclo evolutivo definido. Nasceu, viveu, entrou em decadência e, num futuro muito breve, há de desaparecer para dar lugar a uma nova organização que melhor corresponda às necessidades sociais de momento.

A nova organização chama-se o Sindicalismo.

Na Hungria

Excesso de zélo?

Segundo se depreende do telegrama que abaixo transcrevemos, parece que a Santa Aliança já não está muito satisfeita com a Roménia, país em que delegou o simpático encargo de esmagar os rebeldes. E já lugar comparável ao com o sapo, mas a comparação carece de justez. O sapo não é tan repugnante e ainda presta serviços à agricultura. O jesuítas não é util a ninguém. Morde. Felizmente que esta raça de reptis já não tem dentes. Partiu-lhas a Verdade e honestidade. De maneira que, hoje, a mordedura do jesuítas não causa dor. Inspira nojo, apesar de um asco invencível as pessoas honestas. Veem estas divagações a propósito das desesperadas tentativas que ontem fazia A Epoca, o órgão da jesuítas, para morder-nos. Não conseguem, os rastejantes empêcheiros. Falta-lhes o melhor. E já terão de ficar na toca, masturbando-se de impotência raiosa, lambuzados na própria peçonha.

On não fôsse a Roménia o o polícia da Europa Oriental?.

Como qualquer autêntico polícia ocidental, exibiu os deuses dadas e não tendo talvez muita confiança em que os patrões lhe paguem o recado, trata de se pagar já por suas próprias mãos, mobilizando à grande turba quanto ao bolchevista Hungria lhe possa proporcionar dos seus produtos.

Em Berlim

E' proibida a publicação de mais jornais e revistas

BERLIM, 27. — Foi proibida a publicação de novos jornais, quer diários quer revistas periódicas, visto que Berlim está inundado de periódicos inúteis e de publicações cujo fim é promover a excitação.

Vivam os ferroviários

NOTAS & COMENTARIOS

Evolução

Efectuaram-se há dias, na Bulgária, as eleições parlamentares. Vai dizer que ganhou foram os avançados. A notícia lenovo-la nós na imprensa burguesa e caso seria este para a portos de cama, se não fôra a circunstância de nos levar a conclusões perfeitamente antiburguesas. As quais conclusões são as de que o mundo avança realmente. Em linguagem política pode dizer-se que avança para a esquerda. Os ideais de liberdade não estão nem à esquerda nem à direita, mas estejam lá onde estiverem para elas que o mundo avança. O certo é que foram os partidos da esquerda que ganharam as eleições em Sofia. Os agrários tinham 45 deputados e ficaram desta feita com 85. Os socialistas viram passar para 39 o número dos seus representantes, que eram apenas 11. Os comunistas ficam com 47, em substituição dos 10 que haviam atingido. Um progresso eleitoral nunca foi coisa de extraordinária. Mas sempre é um sinal, vemos lá.

Expropriação

Há na Andaluzia, como havia na Rússia, na Hungria, e como pode dizer-se que há em todos os países, um importante problema carecendo de solução imediata: É o problema agrário. Nasce do facto de serem grandes extensões de terreno aproveitável propriedade de uns poucos que as não cultivam nem exploram, daí derivando a miséria e a diminuição das populações rurais, escassez na produção agrícola, empobrecimento gradual das nações, etc. O remédio é a expropriação pura e simples. Pode parecer violenta a solução, mas é a única profícua. Foi sempre este o parecer dos partidos socialistas e essa também a opinião do sr. Pascual Carrion, que, tratando no El Sol do problema agrário da Andaluzia, escreve:

«Aquele que possue terras suspeitáveis de exploração agrária, e não as cultiva, priva a população em geral dos produtos que nelas poderiam obter-se, e priva os trabalhadores em particular de uma parte do solo, onde estes poderiam empregar sua actividade e ganhar meios de vida.»

O Estado, como representante da colectividade, tem, pois, o dever de expor os terrenos e proporcioná-los aos trabalhadores agrícolas, assim terminando com o deplorável espectáculo a que hoje assistimos, de encontrarem-se muitos homens parados, vivendo miseravelmente, ao lado de terras que requerem braços que as cultiva, numa ocasião em que a sociedade necessita de grande quantidade de produtos agrícolas.»

«Estes expropriações nada tem de arbitrárias; a terra, desprovida de bens, é um dom natural, não é fruto do trabalho humano, e, portanto, todos temos igual direito a possuí-la. Nem é um caso de maior direitos que qualquer outro, como não poderia alegar para apropriar-se do mar, da atmosfera ou de outro elemento natural. O Estado, como representante da colectividade, tem, pois, pleno direito, em qualquer ocasião, a tomar posse do que é pertença de todos.»

Vem o projecto à câmara alta e não houve cão nem gato que sobre o assunto não largasse duas larachas. Resultado: o mostrengão aprovado quase como tinha vinho da câmara dos deputados, apesar dos protestos repetidos de todas as corporações que no país tinham competência técnica para sobre o caso se pronunciarem!

Um exemplo este, entre mil.

De modo que o parlamento é uma instituição incapaz de satisfazer, não digo já às exigências da sociedade de amanhã, mas mesmo às necessidades da sociedade de hoje.

Reconhece-o atô a burguesia e confessam-no sobretudo as classes médias e os homens das chamadas profissões liberais.

O parlamento não serve. Foi uma instituição que apareceu num dado momento histórico para desempenhar determinada missão. Mas, como todas as instituições humanas, tem um ciclo evolutivo definido. Nasceu, viveu, entrou em decadência e, num futuro muito breve, há de desaparecer para dar lugar a uma nova organização que melhor corresponda às necessidades sociais de momento.

A nova organização chama-se o Sindicalismo.

A U. S. O. ao povo trabalhador

Auxiliemos os ferroviários!

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa lembra a todas as classes proletárias que os operários ferroviários continuam em luta com o Estado e a Companhia, que por todas as formas os procuram esmagar. Necessário é, pois, que hoje, sábado, os trabalhadores conscientes abram quetes em todos os locais de trabalho, destinadas aos ferroviários, que há perto de dois meses valorosamente lutam com os seus inimigos.

Hoje, das 14 às 22 horas, encontra-se na sede da U. S. O. quem recebera os donativos.

União dos Sindicatos Operários

Socialismo côn de laranja

A Conferência de Lucerna

Já é um pouco tarde para falar da conferência realizada em Lucerna, na segunda semana de Agosto, pela chamada Segunda Internacional Socialista, a tal que faliu durante a guerra.

«Valera realmente a pena gastar cerca de 1000 francos em um defunto que alguns socialistas mais ou menos avermelhados tentam ainda galvanizar?»

O caso é que essas cándidas pessoas não conseguem senão misturar um pouco de zanga com o ocre da maioria social-patriótica, dando um alaranjado muito dubio e a puxar muito para o amarelo.

Em todo o caso, a leitura dos jornais recentemente chegados é instrutiva a tal respeito e pena é que não possamos, ainda assim, desperdiçar algum espaço, ao menos para mostrar mais uma vez como o socialismo, perdido nos meandros suspeitos da política burguesa e exposto ao ar metílico do pântano parlamentar, conseguiu perder assim tam completamente as suas bonitas cores de saúde, a sua côn natural, e amarelecer no seu desfimamento de tísico.

De socialismo, nada resta. A's vezes, nos documentos, programas, moções, nem sequer a palavra. As grandes questões da actualidade são encaradas com espírito reaccionário e mesquino, obtendo por muito favor umas resoluções antifáscias, resultado inglório dos esforços dos mais avermelhados, os quais consentem em acolher-se com os elementos mais tardios e corruptos dum pseudo-socialismo de contra-revolução.

Em vão os representantes da nova maioria socialista francesa nos tentam crer, no Populaire, que os elementos mais revolucionários deram, na conferência de Lucerna, mais um passo para a «união à esquerda» e para o regresso aos verdadeiros princípios socialistas, graças ao bom entendimento entre os actuais majoritários franceses, os independentes alemães e os socialistas austriacos, contra os Scheidemanns, os Vandervelde, os Brouckere, os Renaudel. Estes, do seu lado, cantam vitória, e sente-se afinal que são eles quem tem razão.

O único modo de os reduzir à impotência seria deixá-los entregues as suas próprias forças dentro do seu seculo.

E' esta a opinião e o esforço de mestre Wilson segundo o qual deve garantir-se a cada povo o direito de se governar por si mesmo e portanto, de escolher o regime político que mais lhe aprouver.

Eis o telegrama:

PARIS, 26. — O conselho supremo dos aliados dirigiu uma nota à Roménia, intimando-a: «sob pena das más sérias consequências, a cessar imediatamente as reuniões que esgotam a Hungria e são contrárias às promessas formais que ela recentemente fez.»

Nessa reunião foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que a dentro de alguns estabelecimentos do Estado os respectivos directores tem exercido violências sobre o pessoal que nos mesmos trabalham;

Considerando mais que tais violências se cometem amanhã reeleger os outros estabelecimentos;

Considerando ainda que é um dever de todos os funcionários e assalariados do Estado reagir para que tais casos não continuem a subsistir;

Os delegados presentes resolvem:

1.º Fazer a publicação de um manifesto convocando todos os funcionários e assalariados do Estado a reunir-se em assembleia magna;

2.º Levar à prática essa reunião no próximo domingo 7 de Setembro, onde serão apreciados todos os casos passados naqueles estabelecimentos;

3.º Convocar a assistir a essa reunião representantes da U. O. N., U. S. O. e dos jornais a Batalha e Combate.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Auxiliar os ferroviários é manter a dignidade operária e contribuir para a sua vitória.

Cozinha Comunista

Apelo à classe trabalhadora

Continuam as classes proletárias a ser tratadas com a costumada injustiça. O direito pertence única e exclusivamente aos burgueses e aos políticos, que esmagam, sem dó nem piedade, aqueles que tudo produzem e reclamam mais um bocado de pão.

A Razão é traduzida por esses despotas em mandarem prender e espionar os trabalhadores, encerrar as Associações e amordaçar a imprensa operária, para que os brados da Verdade não cheguem aos ouvidos dos sinceros conscientes.

Mas, para que a Justiça, o Direito e a Razão triunfem, torna-se necessário que as classes produtoras se unam mais do que nunca, a fim de, de uma vez para sempre, terminarem com essas iniquidades que são uma vergonha, neste século de lumes.

Por isso, os ferroviários em luta esperam que a grande família operária continue afirmando o seu valioso auxílio, destinado ao regular funcionamento da Cozinha Comunista, para esta manter os camaradas mais necessitados, que tem sabido cumprir e cumprirão com dignidade e honra o seu dever de lutadores até ao dia da Vitória. — A COMISSÃO DA COZINHA COMUNISTA.

A GREVE FERROVIARIA

A despeito das tentativas da Companhia, a anormalidade dos serviços é evidente

Relatamos, mais abaixo, o gesto nobre dos camaradas do Sul e Sueste, que impediram que um lacai da C.P. arregimentasse trabalhadores inconscientes para furar o justo movimento dos ferroviários. É um caso que registamos com satisfação, nestas colunas, porque ele bem demonstra que a classe ferroviária portuguesa está demonstrando desejo de vir para a luta contra o capital, ao lado das restantes corporações operárias. Necessário é, porém, para que esse espírito de revolta, consciente se mantenha, que os grevistas da C.P. continuem lutando energicamente, a fim de que o governo e a Companhia acabe por se curvar perante a razão e a justiça que lhes assiste.

Nota Oficial do Comité Central

Não nos surpreendeu a notícia que os jornais publicaram ontem na qual a Companhia diz que vai liquidar contas com todos os agentes que não se têñham apresentado, desde 2 de p. m. até ontem 28.

Muito bem. Agora é que a C.P. deve vinte. Tendo uns quatro mil empregados ausentes do serviço diz que já não há greve. Desconhece, por certo, que as greves podem ser parciais. Não acha a C.P. que quatro mil homens ainda é muita gente?

Entre tantas coisas que tem inventado e depois de tantos trucos, ainda nos aparece com mais este papão a ver se pegam as bisscas, mas ainda desta vez se há de enganar. O melhor é arranjar outra fórmula mais eficaz, pois o seu pessoal estará em greve tanto quanto a C.P. e o governo querem, isto é, até quando for necessário, sejam quais forem as táticas empregadas para nos fazer render pela fome. Cá iremos indo.

A C.P. em ar de ameaça, diz que vai buscar ao estrangeiro alguns maquinistas. Mas a ameaça não nos assusta. Preparamo-nos, desde princípio, para receber de bom humor estas notícias que, cedendo de base, nos dão vontade de rir. No estrangeiro não é fácil encontrar tanto traidor como aqui, nem achar camaradas que se prestem a servir uma Companhia que nega ao seu pessoal as modestas reparações que é de re爪lma. Além disso, o pessoal estrangeiro não se dispõe a vir para Portugal ganhar de reis de mel coado como os que cá estão.

Dos camaradas da linha recebemos boas novas. Dizem-nos como se encontra o serviço que a Companhia diz normalizado, acrescentando que já nem parece caminho de ferro, mas sim os estribos dum incêndio, uma perfeita desgraça.

Segundo anunciam os jornais, alguns agentes superiores vão percorrer a linha para explicar aos empregados qual a razão por que não foram pagos integralmente os seus vencimentos. Que explicação será essa? A de que não tinham as folhas feitas? Talvez. Mas, então, que tem feito o pessoal da repartição que está ao serviço? Não será antes a falta de dinheiro?

A segunda hipótese é, decerto, a mais verdadeira, pois, segundo nos consta, já se apresentaram alguns empregados a pedir a liquidação de contas, de harmonia com o aviso da C.P., nos jornais, e esta não as liquidou. Enfim; recorrem a todos os meios para alcançar os seus fins, como de costume.

Quanto à pregunta que nos faz certo camarada, devemos dizer-lhe que, quanto aos "amarços", é preferível não usar de violência. Votemo-lo aos desprazos. Para ser castigo bem basta terem de andar de cabeça baixa e terem de suportar o desdém e as imposições dos verdugos da C.P.

Conhecido o facto em Faro, o pessoal ferroviário, em grande número, aglomerou-se na gare da estação, invocando o famigerado engajador, que ridicamente se intitula engenheiro, procurando impedir que ele se seguisse viagem. Depois de uma grande manifestação de protesto e estando o nojento engajador em risco de saborear uma formidável tarefa, foi o traidor preso pela guarda republicana, prisão que foi energeticamente mantida pela guarda fiscal, que, depois do comboio partiu, o conduziu ao Governo Civil, onde apresentou um cartão de polícia de segurança do Estado, pelo qual foi restituído à liberdade, não podendo porém, evitar que os engajados se desmorassem a ponto de regressarem alguns para Vila Real, segundo outros viagam até Barreiro, onde os camaradas ferroviários, conchedores do caso, impediram a sua ida para Lisboa, realizando uma subscrição para lhes pagar as passagens de regresso a Vila Real de Santo António, conseguindo, assim, impedir que se consumassem as criminosas intenções do Governo e da Companhia, que não tecem pejo em se servir dum descalificado como esse tal João António Machado para induzir o público com uma pretendida normalidade dos serviços ferroviários.

A greve ferroviária e a caressia da vida — A especulação com o milho

PENACOVA, 28 — O operariado das regiões, tem mostrado o seu apoio moral e material perante os ferroviários.

A continuação da greve, por aqui e por toda a parte, faz-se sentir bastante, acarretando graves prejuízos, corroborando para um maior encarecimento da vida.

O sr. Alvaro de Castro lê e manda para a mesa a seguinte moção de ordem:

"Considerando que o poder judicial é um dos órgãos da soberania nacional; considerando que esta natureza participa triplo do milho que houve o ano passado; mas os gananciosos continuam explorando o pobre, como durante a guerra. Pela parte que toca ao governo, deve-os fazer entrar na ordem, obrigar-los, pelo menos, a vender os artigos com 40 e 50 %, de abatimento. — C."

Cozinha Comunista

Importâncias entradas em 27 do corrente:

Camarada Ratael, 1500 Alexandre Vieira, \$500; Arcádio Pedroso Esteves, 1500; José Jorge da Silva, \$200; produzido lista 146, 1570; idem, idem 161, 1840; Leonel Cruz, 1500; Grupo Dramático Familiar, 3500; Aurora Social, lista 339, Carpinholas, 600; de Branco — Arsenal de Marinha, 6339; lista 343, Troço de Mar — Arsenal de Marinha, 2343; Soma, Carlos da Conceição.

Ha por aqui e por muitas mais partes triplo do milho que houve o ano passado; mas os gananciosos continuam explorando o pobre, como durante a guerra. Pela parte que toca ao governo, deve-os fazer entrar na ordem, obrigar-los, pelo menos, a vender os artigos com 40 e 50 %, de abatimento. — C."

Cozinha Comunista

Importâncias entradas em 27 do corrente:

Camarada Ratael, 1500 Alexandre Vieira, \$500; Arcádio Pedroso Esteves, 1500; José Jorge da Silva, \$200; produzido lista 146, 1570; idem, idem 161, 1840; Leonel Cruz, 1500; Grupo Dramático Familiar, 3500; Aurora Social, lista 339, Carpinholas, 600; de Branco — Arsenal de Marinha, 6339; lista 343, Troço de Mar — Arsenal de Marinha, 2343; Soma, Carlos da Conceição.

Pois nem mesmo com os 3.100 contos que o parlamento autorizou que se dispensem para forçar os ferroviários a tirar a nossa justa causa, sob a imposição da farda, essa normalização se levará a efeito, pois que ésses que são forçados a exercer accidentalmente a função de ferroviários, são, no fundo, proletários também, e não de ter a 232\$.

Teatro São Luiz

HOJE — Recita do autor

O PÉ DE MEIA

Ninguém fala hoje à quinzena prima! Do Pé de Meia, em festa artística! Para viver, a quadra é passim, Mais, para viver, a quadra é passim! Não é só tristeza, nem calor! Que o Pé de Meia não aplaquet! E hoje a récita do autor!

O nosso Eduardo Schwabach!

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

Discursos, Larahas & Votações

MENÚ: — Um deputado socialista declara que foi eleito com votos republicanos — O sr. Antônio Fonseca é de opinião que o parlamento não se ocuparia de assuntos de interesse para o país :: :

Declarando o sr. presidente reaberta a sessão, fala o sr. Campos Melo sobre o debate, entendendo que a câmara só tem de chamar a atenção do poder executivo para as designações verificadas nas decisões do júri do tribunal militar. Como ao seu discurso presta a câmara pouca atenção, o orador diz que, não merecendo consideração dos seus colegas, desiste da palavra.

O sr. Brito Camacho diz que o orador não tem razão. Se desixa de falar é porque não tem nada que dizer.

Outros deputados manifestam o seu desagrado pela desistência do orador. Convidado pelo sr. presidente a continuar o seu discurso, o sr. Campos Melo, acendendo, define a sua atitude dentro do parlamento, para onde veio com votos de republicanos. Confirma o sr. Dias da Silva fez parte do governo e com o consentimento do partido.

O sr. Costa Junior declara que o Partido Socialista foi e é contra a guerra, mas não é contra o cumprimento dos tratados.

O sr. Julio Martins depois de algumas afirmações, diz que ninguém pôde em dúvida a consciência republicana do júri; apenas havia suspeita ou dúvida a do general presidente. Concorda que tenha de se respeitar o poder judicial, mas isso não implica com o direito que qualquer deputado tem de chamar a atenção do poder executivo para o que se passa nos tribunais, quando a injustiça levanta clamores na opinião pública. A ação desses tribunais não é consentânea com as necessidades da justiça; mas disse todos nós somos culpados, mesmo falso também impreciso.

O monopólio do gás não existe só sobre nós os seus beneficiários, na sua acção industrial nos também na sua periferia em não querer ouvir os nossos rogos angustiados. Alicerça no apoio forte que poderes mais altos nos conferem, a comparsa gasta mais tempo a fazer os nortes que contra em venceram. Quem pode valer ao erguer monumento para em que a maior parte do povo que trabalha ignora o valor dos seus monumentos, conhecendo os quando muito, através da especulação patriótica que tanto éro e tanto velharia tem adquirido. O patrício é sempre o apoderado, é sempre o que contra em grande escória que afogam os seus colegas, e a sua inauguração é sempre a destruição de individuos e consciências artísticas, tendo sempre o prenúncio de infelicidade da indiferença que os grandes mestres sentem pelo que é belo, para o snobismo actual das classes que, desdenhadas, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr. Brito Camacho diz que o sr. Fonseca, mostram indecisão pelas manifestações de arte, porque já não parecem mais interessantes.

O sr

TRIBUNA SINDICALISTA

Os poderes económicos da classe patronal

O aparecimento do industrialismo moderno, logo a princípio, determinou nas diferentes nações da Europa e da América, as seguintes consequências:

a) Mudança na composição profissional da população.

b) Mudança na sua forma de distribuição pelo território.

c) Uma nova formação social, a classe operária.

d) Aumento da população e por consequência, a extensão do salarialista.

a - Criando a grande indústria assim como os novos meios de transporte, o maquinismo modifica completamente a composição profissional da população. O estabelecimento das primeiras manufaturas destinadas a fiação e tecer algodão provocou, no começo do século passado, uma enorme procura de trabalhadores, homens e mulheres.

Os caminhos de ferro motivaram durante vinte anos um chamamento da população dos campos aos pontos onde construíram as linhas principais.

Em França, o desenvolvimento das indústrias mineiras e metalúrgicas exigiu em pouquíssimo tempo quase duzentos mil trabalhadores, de forma que a população agrícola diminuiu, e a industrial e comercial aumentou consideravelmente. A sua proporção respectiva, que antes do maquinismo era no topo da escala, deu lugar a uma para vinte, actualmente está quase a par.

b - A forma de agrupamento da população também teve que se modificar. Nas sítas onde se encontravam jazidas, nas localidades favoráveis ao desenvolvimento da indústria da tecelagem e a mineração, mandaram os patrões construir as fábricas e manufaturas de que precisavam, constituindo-se assim nuns aglomerados de trabalhadores. Além de que a condensação, num determinado ponto, de uma importante população tem imediatas repercussões, provoca a fundação de grande número de indústrias de consumo, tais como as relativas à alimentação, ao vestuário, etc., e, por conseguinte, um novo acento de população.

Essa construção de fábricas, esse crescimento de população produziram por sua vez transformações na importância e número das cidades.

Estas alargaram; hoje, encontra-se por toda a parte, na província, a velha e a nova cidade; e também se edificaram de todo numerosas cidades industriais.

c - O maquinismo determinou múltiplas consequências técnicas e económicas que provocaram o aparecimento de uma nova formação social, a classe operária. Os indivíduos empregados na grande indústria foram obrigados a sujeitar-se a formas de labor dantes desconhecidas.

O trabalho disciplinado e em comum.

Excessiva divisão do trabalho.

As necessidades técnicas criadas pelo maquinismo exigem o labor em comum; uma verdadeira disciplina. F' preciso dedicar à hora, não se ausentar, conformar-se com os regulamentos de ordem técnica adoptados na oficina.

As múltiplas operações executadas pelas máquinas-ferramentas motivaram uma especialização, uma divisão excessiva do trabalho. Hoje o homem é o servente da máquina, a sua ocupação consiste em fazer sempre a mesma operação. Esta excessiva divisão dá margem a que o trabalho de cada um reverne o de quantos o seguem na ordem de produção.

A vida nos grandes centros industriais, o desbarata da família devido à introdução da mulher e da criança na manufatura, a residência em casas ou quartos mobiliados; a influência dos numerosos estabelecimentos de instrução e de gôzo que existem nas cidades; a gravura das condições de vida material, a falta de trabalho, o pauperismo, luta de classes, são outras tantas causas que desenvolvem ideias, costumes, que caracterizam as populações inferiores à data do aparecimento do maquinismo. Em suma, todas estas influências reunidas chegaram após uma terremoto, a determinar uma nova formação social, a classe operária moderna.

(Conclui).

H. DUFOUR.

Quando brincava

Depois de receber os primeiros socorros no Banco do Hospital do Reino, foi conduzida numuto da Cruz Vermelha ao de São José, onde depois de devidamente preparada e banhada e recolheu à enfermaria I (Infânsio) do hospital Estefânia, Carmelina Emilia, de 4 anos, residente na rua da Beneficência, piso F, porta 2, que andava aí a brincar com um seu irmão cau de um muro fracturando a perna esquerda.

As alianças mais estreitas com a pequena aristocracia da região, o que lhe jugava tanto útil como o dimônio ou um aumento de terras.

Ainda que as suas faculdades de observação fossem tam restritas que não se intimidava de explicar as almas, como explicava o valor de um contrato de casamento e as cláusulas de um testamento, meu pai compreendeu depressa toda a diferença de raça, de educação e de sentimento, que o separava de sua mulher. Se isto ao princípio lhe causou tristeza, não o sei; em todo o caso ele não deixava transparecer. Resignava-se. Entre ele, um pouco grosso, ignorante, insociável, eela, insensível, delicada, entusiasta, havia um abismo que ele nem um só instante pensou em transpor, não reconhecendo em si nem o desejo nem a força para tal.

Esta situação moral de dois seres ligados, para sempre, a quem nenhuma comunidade de pensamentos e de aspirações aproxima, não contrariau meu pai que, vivendo muito no seu escritório, se dava por satisfeito se encontrava a casa bem dirigida, as refeições bem preparadas, os seus hábitos e as suas manias restritamente respeitados; em compensação, tal vida era muito dolorosa para ela, muito pesada para o coração da minha mãe.

Minha mãe não era bela, e ainda menos bonita; mas havia uma tam nobre simplicidade na sua atitude, tanta graça natural nos seus gestos, uma tam grande bondade na expressão dos seus

lábios, um pouco descorados, e nos olhos que, ora desmaiavam como um céu de abril, ora se coloriam como a safira; um sorriso tam acariciador, tam triste, tam resignado, que fazia esquecer a sua fronte muito alta e coberta por madeixas de cabelo irregularmente dispostas, o nariz muito grosso, e a cor gris, metálica, por vezes manchada de borbulhas.

Junto dela disse-me muitas vezes um de seus velhos amigos, e eu próprio mais tarde o comprehendi bem dolorosamente-junto dela, sentiamos-nos surpresos, depois irresistivelmente dominados por um sentimento de estranha simpatia, onde se confundiam o temor respeito, o desejo vago, a compaixão e a necessidade de nos dedicarmos. Apesar das suas imperfeições físicas, on talvez por causa dessas próprias imperfeições, tinha o encanto amargo e poderoso que tem certas criaturas priviligiadas da disgraca, e em volta das quais flutua um não sei quê de irremediável.

A sua infância e a sua primeira juventude tinham sido de sofrimento e assinaladas por algumas crises nervosas e inquietas. Mais esperavam que o casamento, modificando as condições da sua existência, restabeleceria a saude que os médicos diziam apenas atingida por uma excessiva sensibilidade. Não sucedeu nada disso. O casamento não fez pelo contrário, se não desenvolver os gérmenes mórbidos que nelas existiam, e a sua sensibilidade exacerrou-se a tal ponto que minha pobre

Minha mãe, uma rapariga nobre dos arredores, não lhe levou em devoção nenhuma fortuna, mas relações mais sólidas,

A construção do Bairro Social

A questão dos comanditários

Camarada redactor: - Havendo jornais que se tem prestado a fazer uma campanha infame contra os operários do Bairro Social, especulando com tudo e com todos e desejando nos combater todas essas infâmias, vimos juntar o camarada para que nos auxilie na nossa missão... Andam os comanditários protestando contra os operários pelo facto de lhes não darem as comandas, dizendo que enquanto elas não ocuparem os seus lugares não haverá produção relativa às horas de trabalho. Pois engano.

Convencem-se os comanditários que com a campanha dissidente que estão fazendo não melhoram a sua situação, antes pelo contrário. Eles estão abrindo a cova onde se vão enterrar, porque se incompatibilizam ainda mais com todo o pessoal, visto já estarem a ameaçá-lo que tem toda a força para demitem e admitem todos os operários que desejarem.

Procurem convencer que só elas cumprirão com o seu dever, é mais que infantil, visto auferirem ordenados chorudos que nunca sonharam perceber, e nesse caso, desejariam que a continuação do Bairro se prolongue indefinidamente, como acontece em todas as obras onde ha burocratas, e não operários.

Sobre a competencia dos comanditários, haverá muito a dizer, mas ficará para ocasião oportunidade.

Sobre a posse do lugar, sabem esses senhores que é impossível, visto não haver materiais. Mas isso ponco os preocupa visto pedirem para lhes pagarem os ordenados, mesmo estando em casa.

Nessa altura, já não se incomodavam com o que se produzisse no Bairro, nem tão pouco com a moralidade nem os deveres dos trabalhadores. — A Comissão: Alfredo Moura, Gaspar Manuel, Francisco P. Marques.

A BATALHA :: no Porto ::

A União dos Sindicatos do Porto e os operários presos — Um parceria a C. A. — Ainda o pessoal da Carris — A classe dos metalúrgicos — A pouca ação dos operários do norte

Quando o industrialismo surge numa sociedade assim organizada, ainda mais agravou o antagonismo das duas classes. Efectivamente, como o vamos mostrar, a classe patronal emprega os poderes que tem:

1.º — Em privar os trabalhadores das vantagens inerentes à produtividade do maquinismo.

2.º — Em intensificar o despotismo que já exercera sobre os operários.

3.º — Em aumentar consideravelmente a sua parte na distribuição.

III

Sob o ponto de vista técnico, a quantidade de produtos a consumir depende de dois factores:

O trabalho do homem.

A produtividade do maquinismo.

Se a produtividade se torna muito grande, como sucede com os actuais instrumentos de trabalho, os trabalhadores devem poder aumentar o seu consumo, ao passo que poderão diminuir a duração do seu trabalho. Os operários, porém, não se podem aproveitar desta dupla vantagem quando os patrões detêm os poderes económicos necessários à direcção da produção e distribuição; porque elas empregam esses poderes em impor o máximo de trabalho e o mínimo de salários, exactamente como se o maquinismo moderno não existisse.

A classe patronal possui os seguintes poderes económicos:

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar a sua própria parte na distribuição.

1.º — Poder de regular a duração do trabalho.

2.º — Poder de fixar a cifra dos salários e encargos.

3.º — Poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário seja impedido de trabalhar em consequência de acidente ou enfermidade.

4.º — Poder de cobrar

A BATALHA

:::

na Província ::

GUINARÉAS, 24

Ainda a prisão de vimaranenses a título de bolchevistas — Prepotências em Fafe
Correspondente da "Batalha"

Reunião hoje à Federação das Associações Operárias desta cidade, tendo-se o resultado da prisão dos nossos concorrentes marcos Ribeiro e António Vaz, que só não pode apurar por uma forma clara, sendo, no entanto, favoráveis, embora incertas, as informações obtidas.

Sabe-se que o tal Neves, calunador responsável dasqueles presos, feito com o seu duplo falso Movimento do Porto, contou per todas as formas compreensíveis os nossos camaradas, procurando ainda captar para a sua antipática missão a adesão da firma Nascimento & Filhos e fazer com que esta diminuisse os salários aos camaradas em questão, que trabalhavam na sua oficina.

— Pelo Fafe, a única unidade de força de infantaria 30 que primamente se foi alojar no Club Pafense, agremiação de fama acusadamente reacionária. Como, porém, se tratava dum sociedade pertencente à burguesia da terra, logo se moveram iniciativas para que os homens daquela unidade referido destacamento e não encontrassem outro alojamento que não fosse a sede da associação dos trabalhadores locais à qual foi prometida outra casa promessa porén, não cumprida até esta data, vendendo-se assim o proletariado local despossuído da sua sede e constrangido a viver nas suas modestas condições das ruas. Foi respondido portanto de emergência contra esta propriedade e nesse sentido se telegrafou ao deputado Manuel José da Silva, a 2.ª secção da U. O. N., câmara, administrador de Fafe e ao comandante de infantaria 22, que é que sejam as medidas rápidas medidas de tomada a Associação dos Trabalhadores de Fafe reentra, sem demora, na posse da sua sed.

Numa anterior reunião da Federação foi resolvido nomear o correspondente para a Batalha, o qual aguarda apenas a respectiva confirmação para entrar no exercício das suas funções.

VILA NOVA DE GAIA, 27

A greve dos metalúrgicos — Repugnante procedimento dum "amarelo" — Várias notícias

Continuam em greve os camaradas metalúrgicos da serralheria do sr. Manuel Triâes, devido a este industrial não querer, na sua totalidade, as reclamações dos mesmos. Numa conferência havida entre os operários e aquele industrial, o qual é todo oferecido a dar, os operários exigiram que a sua quota percentagem fosse incluída o encargado da oficina — 25, 20, 15 e 10 por cento, aumentos que os operários recusaram em virtude da exiguidade da oferta. Não sucedeu assim com o encarregado da oficina que, por parte do referido, foi receber-lhes um vale de 3000\$00 e não lhos pagou, doutra vez, sem lhe pedir licença, podendo receber-lhes um vale de 3000\$00 e não de outra anaphuan-lhe 500\$00 em bolsa de gratificação.

Parceiros que verdade.

Quixou-se oente à polícia José Gonçalves, de Leiria, de que numa casa da rua da Amendoeira, lhe furtaram uma carteira com 1000\$00.

Francisco Pinheiro, residente na Farinha, que lhe roubaram objectos no valor de 100\$00.

O sr. Manuel dos Santos Andrade, rua de S. Joaquim, 2, quixou-se à polícia de que tido mandado à Junta do Crédito Público registrar uma inscrição do valor nominal de 100\$00, o encarregado dessa missão não empregando o nome.

Quixou-se também: Maria Martins, rua do Azevinho, 101 e 105, de que lhe furtaram um lavatório inglês no valor de 280\$00, e a Sociedade Portuguesa de Automóveis, rua da Escola Politécnica — 25 de Julho, que furtaram uns utensílios que com recebiam em algumas casas comerciais vários objectos, que foram depois vendidos a um ferreiro.

Dos Armazéns Coloniais da Exploração do Porto de Lisboa, furtaram quinze quilos de cacau, por um indivíduo que já foi preso.

Quixou-se a polícia Diamantina de Jesus, rua dos Lusitanos, 18, rez-de-chão, de que por chave falsa lhe entraram numa casa que tem alugada na calçada do Mirante, 35, loja, furtando-lhe objectos no valor de 2500\$00 e Afonso da Cunha, comendador da referida, que no dia 29 de Abril, 97, de que lhe arrumaram a porta do seu estabelecimento, não tendo praticado qualquer furto, por serem presentes.

Quixou-se há dias à polícia a firma comercial América da Cruz, Ltd., com escritório no Arco Escuro, 5, 1º, de que furtaram uns utensílios no valor de 1000\$00 e que fizeram de fato da estação do Barreiro para o Beato, nas fragatas B-58 e B-59, havia desaparecido grande porção de fava.

O chefe Alfredo Maria mandou investigar o caso ao agente António Pereira que apurou que os suspeitos actuaram a fim de furtar uma porção de macas, deixando em cada uma delas umas rachaduras com que receberiam em alguma casa comercial. E era este cavalheiro leitor assinante dos jornais A Batalha e O Combatente. Turtur.

Em reunião da comissão administrativa da citada Associação, realizada ontem, foi resolvido, passando por cima do diploma existente, suspenso de cargo que se apresentava ao referido. Assim, o seu presidente, que a proxima assembleia geral decide caminho a seguir, e considerado o vir prestar esclarecimentos à classe na próxima quinta-feira e, em caso de recusa, publicar-se um manifesto, mostrando ao público o seu acto.

Faleceu hoje a mãe do camarada metalúrgico Joaquim Barbosa, que toda a sua vida lutou, até que a doença o obrigou a recorrer ao leito, aguardando assim o fim da sua matriarcal vida. O seu funeral realiza-se amanhã. Ao nosso camarada e amigo expressão sincera dos nossos sentimentos.

E' no dia 7 de Setembro e não no dia 31 deste mês, que se realiza a inauguração do Sindicato Operário das Indústrias Textil de Vila Nova de Gaia, acto que constará de sessões de caráter político, que terão a participação dos dirigentes do movimento operário. Durante a tarde uma banda de música tocará em frente à sede do Sindicato e far-se-á uma quermesse, cujo produto reverte a favor do cofre da Associação. — C.

Brincadeira fatal

Do lugre da Louceria, próximo de Rua, conceito de Torres Vedras, reside o trabalhador rural António dos Santos, casado com Ana de Oliveira, que tem três filhos, é um garoto muito desenvolvo. Sempre que apinha a mãe ausente de casa, desaparece e vai com outros menores seus vizinhos para a linda férrea, onde passa horas esquadradas.

Na noite de ontem um dos dias em que ele fez a partida, mas pouco lhe se demorou, pois que, encontrando uma bala das que os soldados que fazem serviço de vigilância nas linhas ali abandonadas, apressou-se a ir à casa mostrar aos irmãos o seu achado. Neste momento a mãe que tudo ignorava, ficou com medo de que o rapaz se fizesse a ferir, e, com a ajuda de um tiro e se oviu um gemitos de crianças que deviam estar ali, abriu a porta de escravo.

Hoje, no dia 7 de Setembro, e não no dia 31 deste mês, que se realiza a inauguração do Sindicato Operário das Indústrias Textil de Vila Nova de Gaia, acto que constará de sessões de caráter político, que terão a participação dos dirigentes do movimento operário. Durante a tarde uma banda de música tocará em frente à sede do Sindicato e far-se-á uma quermesse, cujo produto reverte a favor do cofre da Associação. — C.

O que aos ricos não sucede

João Mateus Pacheco, de 14 anos, filho de José Mateus, Pacheco e de Ana Maria Pacheco, natural de Viseu, teve ontem, 25 de Agosto, um ataque de epilepsia, que lhe causou convulsões, concussão do Lourinhã, foi ali colhido pelo cabeçote de um carro de bois, na ocasião em que ajudava o pai a descarrilar o referido carro. O pobre rapaz que ficou sem fala, foi transportado para Lisboa e dando entrada no hospital da Misericórdia, onde permaneceu no Banco da Madeira de Almeida, Fernanda Simões e Fernando de Leal, verificaram que tinha uma contusão cerebral, recolhendo a enfermaria 3 (Santo Antônio).

Aspetos da sociedade burguesa

Nos calabouços do governo civil encontram-se 14 mulheres, atacadas de alienação mental, esperando naquelas dependências a verificação da sua condição, que os guardas de Rio Maior para ali serem internadas.

São elas Maria da Glória, de Penamacor, rua dos Sapateiros, 115; Angélica da Cedeceia, de Lisboa, rua da Senhora do Rosário, 201; Ana, Maria de Tomar, de Arroios, 201, 2.º; Maria Emilia Marques de Poiares, que já residiu na rua de S. Bento, 114, rez-de-chão. Esta última encontrava-se na Estrada, e tem a mania que o mundo acaba no dia 26 de abril do ano que vem.

Foram examinadas pelos sub-delegados de saúde drs. Pereira Amado e Simões Carneiro.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Lisboa Central. — Reúniam conjuntamente as comissões administrativas, de propaganda e o conselho fiscal, resolvendo manter a sua anterior resolução, isto é, pedir a demissão colectiva por se julgarem incompatíveis com os interesses da sociedade. Nesta sexta-feira, 26, é convocada a assembleia geral deste organismo para hoje, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Pedido de demissão dos corpos gerentes e nomeação de camaradas para os substituir; 2.º Nomeação de 3 delegados a Lisboa, das Juventudes Sindicais, para representar os interesses da juventude sindicalista, e 3.º Votação de um projeto de lei que visa a extinção e condenação a actual sociedade, cujos erros motivaram o gesto de despedida que a vitimou.

O camarada Justino Graca, pae da extinta, agradece a todos os que a acompanharam a última morada.

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito! — Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões,

correntes, anéis, alfinetes e mais objectos

cm 2.º mais renovados com pouco

feitiço.

FALECIMENTOS

Faleceram ontem o funeral da camarada Judith da Graca, operária da Fábrica dos Cordeiros, que constituiu uma importante figura no sindicato, e pelo falecido. No prestígio incorporaram-se além do Pessoal dos Tabacos, grande número de operários da construção civil e marceneiros, a cuja classe pertence o pae da falecida. No interior organizaram-se turnos das classes de sapateiros, que se despediram da sepultura a caminada Palmira da Conceição, pelo Pequeno Extraordinário dos Tabacos; Manoel Soares pelo F. Construção Civil; Alfredo Marques pela Federação Metalúrgica; Alfredo Cruz, José das Neves e João Parra pelo Sindicato Ferroviário e Sindicato dos Artesãos do Norte Juventude Sindicista da indústria Mobilidade, sendo todos unanimemente emaltecer as qualidades da extinta e condenar a actual sociedade, cujos erros motivaram o gesto de despedida que a vitimou.

O camarada Justino Graca, pae da extinta, agradece a todos os que a acompanharam a última morada.

FUNERAIS

— Eluctuou-se amanhã, pelas 10 horas, o funeral da associada dos Carpinteiros, Sidónio, 1708 da associação dos Carpinteiros, Sidónio, 1708.

O prestito fúnebre saiu do Hospital de São José para o Cemitério Oriental.

A Asociación dos Carpinteiros convide a classe a fazer-se representar no funeral.

Realisa-se hoje, às 17 horas, o funeral do dr. Joaquim Caetano Beloto que naufragou com a canoa que tripulava. O prestito saiu do pae do Geraldes, para o cemitério oriental.

OBITUARIO

Cadáveres inumados dia 28 no cemitério da Ajuda: 1.º dos Santos, 22, 2.º José da Cunha, 10, 3.º José da Cunha, 10, 4.º José da Cunha, 10, 5.º José da Cunha, 10, 6.º José da Cunha, 10, 7.º José da Cunha, 10, 8.º José da Cunha, 10, 9.º José da Cunha, 10, 10.º José da Cunha, 10, 11.º José da Cunha, 10, 12.º José da Cunha, 10, 13.º José da Cunha, 10, 14.º José da Cunha, 10, 15.º José da Cunha, 10, 16.º José da Cunha, 10, 17.º José da Cunha, 10, 18.º José da Cunha, 10, 19.º José da Cunha, 10, 20.º José da Cunha, 10, 21.º José da Cunha, 10, 22.º José da Cunha, 10, 23.º José da Cunha, 10, 24.º José da Cunha, 10, 25.º José da Cunha, 10, 26.º José da Cunha, 10, 27.º José da Cunha, 10, 28.º José da Cunha, 10, 29.º José da Cunha, 10, 30.º José da Cunha, 10, 31.º José da Cunha, 10, 32.º José da Cunha, 10, 33.º José da Cunha, 10, 34.º José da Cunha, 10, 35.º José da Cunha, 10, 36.º José da Cunha, 10, 37.º José da Cunha, 10, 38.º José da Cunha, 10, 39.º José da Cunha, 10, 40.º José da Cunha, 10, 41.º José da Cunha, 10, 42.º José da Cunha, 10, 43.º José da Cunha, 10, 44.º José da Cunha, 10, 45.º José da Cunha, 10, 46.º José da Cunha, 10, 47.º José da Cunha, 10, 48.º José da Cunha, 10, 49.º José da Cunha, 10, 50.º José da Cunha, 10, 51.º José da Cunha, 10, 52.º José da Cunha, 10, 53.º José da Cunha, 10, 54.º José da Cunha, 10, 55.º José da Cunha, 10, 56.º José da Cunha, 10, 57.º José da Cunha, 10, 58.º José da Cunha, 10, 59.º José da Cunha, 10, 60.º José da Cunha, 10, 61.º José da Cunha, 10, 62.º José da Cunha, 10, 63.º José da Cunha, 10, 64.º José da Cunha, 10, 65.º José da Cunha, 10, 66.º José da Cunha, 10, 67.º José da Cunha, 10, 68.º José da Cunha, 10, 69.º José da Cunha, 10, 70.º José da Cunha, 10, 71.º José da Cunha, 10, 72.º José da Cunha, 10, 73.º José da Cunha, 10, 74.º José da Cunha, 10, 75.º José da Cunha, 10, 76.º José da Cunha, 10, 77.º José da Cunha, 10, 78.º José da Cunha, 10, 79.º José da Cunha, 10, 80.º José da Cunha, 10, 81.º José da Cunha, 10, 82.º José da Cunha, 10, 83.º José da Cunha, 10, 84.º José da Cunha, 10, 85.º José da Cunha, 10, 86.º José da Cunha, 10, 87.º José da Cunha, 10, 88.º José da Cunha, 10, 89.º José da Cunha, 10, 90.º José da Cunha, 10, 91.º José da Cunha, 10, 92.º José da Cunha, 10, 93.º José da Cunha, 10, 94.º José da Cunha, 10, 95.º José da Cunha, 10, 96.º José da Cunha, 10, 97.º José da Cunha, 10, 98.º José da Cunha, 10, 99.º José da Cunha, 10, 100.º José da Cunha, 10, 101.º José da Cunha, 10, 102.º José da Cunha, 10, 103.º José da Cunha, 10, 104.º José da Cunha, 10, 105.º José da Cunha, 10, 106.º José da Cunha, 10, 107.º José da Cunha, 10, 108.º José da Cunha, 10, 109.º José da Cunha, 10, 110.º José da Cunha, 10, 111.º José da Cunha, 10, 112.º José da Cunha, 10, 113.º José da Cunha, 10, 114.º José da Cunha, 10, 115.º José da Cunha, 10, 116.º José da Cunha, 10, 117.º José da Cunha, 10, 118.º José da Cunha, 10, 119.º José da Cunha, 10, 120.º José da Cunha, 10, 121.º José da Cunha, 10, 122.º José da Cunha, 10, 123.º José da Cunha, 10, 124.º José da Cunha, 10, 125.º José da Cunha, 10, 126.º José da Cunha, 10, 127.º José da Cunha, 10, 128.º José da Cunha, 10, 129.º José da Cunha, 10, 130.º José da Cunha, 10, 131.º José da Cunha, 10, 132.º José da Cunha, 10, 133.º José da Cunha, 10, 134.º José da Cunha, 10, 135.º José da Cunha, 10, 136.º José da Cunha, 10, 137.º José da Cunha, 10, 138.º José da Cunha, 10, 139.º José da Cunha, 10, 140.º José da Cunha, 10, 141.º José da Cunha, 10, 142.º José da Cunha, 10, 143.º José da Cunha, 10, 144.º José da Cunha, 10, 145.º José da Cunha, 10, 146.º José da Cunha, 10, 147.º José da Cunha, 10, 148.º José da Cunha, 10, 149.º José da Cunha, 10, 150.º José da Cunha, 10, 151.º José da Cunha, 10, 152.º José da Cunha, 10, 153.º José da Cunha, 10, 154.º José da Cunha, 10, 155.º José da Cunha, 10, 156.º José da Cunha, 10, 157.º José da Cunha, 10, 158.º José da Cunha, 10, 159.º José da Cunha, 10, 160.º José da Cunha, 10, 161.º José da Cunha, 10, 162.º José da Cunha, 10, 163.º José da Cunha, 10, 164.º José da Cunha, 10, 165.º José da Cunha, 10, 166.º José da Cunha, 10, 167.º José da Cunha, 10, 168.º José da Cunha, 10, 169.º José da Cunha, 10, 170.º José da Cunha, 10, 171.º José da Cunha, 10, 172.º José da Cunha, 10, 173.º José da Cunha, 10, 174.º José da Cunha, 10, 175.º José da Cunha, 10, 176.º José da Cunha, 10, 177.º José da Cunha, 10, 178.º José da Cunha, 10, 179.º José da Cunha, 10, 180.º José da Cunha, 10, 181.º José da Cunha, 10, 182.º José da Cunha, 10, 183.º José da Cunha, 10, 184.º José da Cunha, 10, 185.º José da Cunha, 10, 186.º José da Cunha, 10, 187.º José da Cunha, 10, 188.º José da Cunha, 10, 189.º José da Cunha, 10, 190.º José da Cunha, 10, 191.º José da Cunha, 10, 192.º José da Cunha, 10, 193.º José da Cunha, 10, 194.º José da Cunha, 10, 195.º José da Cunha, 10,